

## AS FACES DA MEMÓRIA NA TRILOGIA DO SUICÍDIO DE ANTÔNIO TORRES

**Adriana Soares de Almeida**

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
[adriana.ira@hotmail.com](mailto:adriana.ira@hotmail.com)

### RESUMO

Este artigo se propõe a apresentar diferentes olhares sobre a memória, a fim de compreender a trajetória de Totonhim, protagonista da Trilogia do suicídio do escritor baiano Antônio Torres: *Essa Terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Nosso intuito é desvendar o processo através do qual as memórias familiares, espacial, e cultural operam como testemunhos do processo de desenraizamento do sujeito enquanto atuam como germe de sua identidade ou a soma do que sobraram de suas raízes.

**Palavras-chave:** Memória; Identidade; Desenraizamento

## THE FACES OF MEMORY IN THE SUICIDE TRILOGY OF ANTÔNIO TORRES

**Adriana Soares de Almeida**

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA)

[adriana.ira@hotmail.com](mailto:adriana.ira@hotmail.com)

### ABSTRACT

This article proposes to present different viewpoints on memory, in order to understand the trajectory of Totonhim, the protagonist of the Suicide Trilogy of the Bahian writer Antônio Torres: *The Land* (1976), *The Dog and the Wolf* (1997), and *Through a Needle's Eye* (2006). Our intention is to shed light on the process through which familial, spacial, and cultural memories operate as evidence of the process of the uprooting of the subject while acting as the seed of his identity or the sum of what remains of his roots.

**Key words:** Memory; Identity; Uprooting

*Mnemosyne*, a titânida filha da Terra com o Céu, irmã do tempo e musa de todas as narrativas, foi criada pelos gregos do período arcaico para personificar a memória, esta capacidade de nos ligar ao passado tornando-o presente. De entidade mítica cultuada por aedos e poetas, a memória passou à mnemotécnica com a qual os gregos fixavam lugares e imagens visuais que os auxiliariam no processo de memorização.

Com o advento da imprensa no século XVIII, a arte da memória desenvolvida pelos gregos entrou em declínio e a Revolução Francesa pôs em destaque uma memória que não estava apenas arquivada em dicionários e enciclopédias, mas ligada à ordem dos sentimentos, das sensibilidades. O avanço das mídias digitais também propiciou novas configurações de memória, abarcando uma quantidade infinita de informação. Nas três últimas décadas, no entanto, o estudo da memória ganhou importante relevo ao abordar as tragédias que assombram a humanidade, especialmente o holocausto, além do interesse por minorias que se veem em perigo de cair no esquecimento.

Neste cenário de interesse pela memória é que situamos nosso trabalho. Este artigo se propõe a um estudo sob o domínio da memória, de forma a apresentá-la em diferentes manifestações: familiar, espacial e cultural, a fim de evidenciar como cada uma serve de testemunho ao processo de desenraizamento do sujeito, enquanto operam como matrizes de sua identidade. Para tanto, tomamos por objeto de pesquisa a trilogia do suicídio do escritor baiano Antônio Torres: *Essa Terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006).

A trilogia é composta pelo conjunto de memórias de Antão da Cruz Filho, o Totonhim, desde sua partida do Junco, sertão baiano, após o suicídio do irmão Nelo; sua volta vinte anos depois sob o pretexto de comemorar o aniversário de oitenta anos do pai e dez anos após, quando aposentado, faz um balanço de sua vida e amarram as pontas da existência, de sua origem telúrica a sua transformação em homem da metrópole sob a tensão que sempre guiou as duas faces de uma mesma moeda.

### **A memória e suas faces**

Em *Essa Terra*, primeiro romance da trilogia, o relato de Totonhim narra a história de Nelo, seu irmão mais velho que partira para São Paulo antes de seu nascimento. Nelo é uma

figura mítica não apenas para sua família, mas para todos os habitantes da pequena Junco, tido como o homem que deixou o sertão para vencer na cidade grande. O mito se desfaz quando Nelo volta ao Junco e comete suicídio na casa do avô, onde vive Totonhim, o irmão que acabara de conhecer. Falido, cheios de doenças, abandonado pela família que construíra em São Paulo, Nelo é um homem frente ao absurdo com o qual não consegue lutar. Imagina voltar ao Junco como filho pródigo, mas não encontra refúgio na terra natal, onde não consegue corresponder às expectativas criadas por todos durante os vinte anos que passara no Sul; para lá também não pode voltar, não há família, não há lar.

Um mundo que pode se explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo. E como todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada.<sup>1</sup>

Nelo é um homem sem raízes e encontra no suicídio um meio para escapar da existência absurda. Essa existência absurda também assombra Totonhim “Foi então que comecei a me sentir perdido, desamparado, sozinho. Tudo o que me restava era um imenso absurdo. Mamãe Absurdo. Papai Absurdo. Eu Absurdo<sup>2</sup>”. O suicídio é tema recorrente nas três obras, atingindo parentes, amigos e flertando com o protagonista. É uma memória dolorosa que teima em retornar, que Totonhim não consegue relegar ao esquecimento. “Somente o que não cessa de doer permanece na memória<sup>3</sup>” nos diz Nietzsche, e o suicídio é, sem dúvida, a memória mais presente em suas narrativas de Junco a São Paulo.

Para compreender a trajetória de Totonhim, quando já homem feito, reaviva fatos e lugares que o moldaram como sujeito, o trabalho de Le Goff, que toma a memória como atualização do passado com as ferramentas do presente, nos é de grande valia. Além disso,

---

<sup>1</sup> CAMUS, 2014, p.21

<sup>2</sup> TORRES, 1998, p. 110

<sup>3</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 20

partilhamos do conceito postulado pelo teórico de que a memória seria “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje na febre e na angústia<sup>4</sup>”.

Acreditamos também que as memórias de Totonhim não são apenas um vínculo com o passado, mas a fonte de sua identidade. Como defendem Aleida e Jan Assmann, a memória é confluência entre conhecimento e identidade, um “conhecimento sobre si mesmo, isto é, a própria identidade diacrônica, seja como indivíduo ou como um membro de uma família, de uma comunidade, uma nação ou uma tradição cultural ou religiosa<sup>5</sup>”. Para os teóricos alemães, que defendem a memória cultural como veremos adiante, “rememorar é uma realização de pertencimento”.

Assim, compreender a construção da identidade através das memórias de Totonhim nos leva também a conceber como seu enraizamento desfragmenta-se quando de sua partida do Junco após a morte de Nelo e as consequências advindas desse processo. O enraizamento, conceito formulado por Simone Weil, retrata o sentimento profundo de pertencimento que se vê cada vez mais ameaçado no mundo globalizado em que a informação viaja em rapidez absoluta, as fronteiras tornam-se fluídas, mas os conflitos humanos estão longe de chegar ao fim.

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente.<sup>6</sup>

Às ideias de Simone Weil unimos os trabalhos de Éclea Bosi sobre o desenraizamento dos velhos na sociedade industrial que os relega ao esquecimento, desqualificando-os como sujeitos, cortando suas raízes, desagregando suas memórias.

---

<sup>4</sup> LE GOFF, 2003, p. 469

<sup>5</sup> ASSMANN, 2008, p.114 (tradução nossa)

<sup>6</sup> WEIL, 2008, p. 411

O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.<sup>7</sup>

Para ela o enraizamento é uma instância fundamental e “desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.<sup>8</sup>

Em *O Cachorro e o Lobo*, reencontramos Totonhim, vinte anos depois da morte de Nelo, de volta ao Junco para rever o pai que teme o suicídio do filho como se sucedera ao primogênito. No entanto, o que Totonhim deseja é dissolver a culpa pela grande ausência, rever a velha Junco de suas lembranças, sua antiga casa, as pessoas e lugares catalizadores de memórias que o ajudarão numa descoberta de si mesmo. É a busca de um homem desenraizado por suas raízes.

O cachorro, domesticado pela metrópole, encontra o pai, velho lobo, que o auxiliará na luta contra o esquecimento. Mexer nas memórias familiares é trabalho árduo, doloroso, “abordar um domínio escondido, secreto, que toca a sexualidade, a afetividade, por vezes a moral social<sup>9</sup>”. Por intermédio das memórias paternas, Totonhim reencontra a família e a Junco que deixou para trás, da qual ele nunca esqueceu, afinal assim como a dor, o amor é força motriz da memória e “o que ela ama fica eterno”<sup>10</sup>. Contudo, numa volta pela cidade descobre que esse lugar já não existe na realidade física, o atraso que ele desprezava no passado e agora busca numa espécie de romantismo bucólico, deixou a pequena cidade e ele deve acostumar-se à nova ordem espaço-temporal. Pai e filho representam as duas figuras de narradores apresentadas por Benjamim, o primeiro como o homem que ganhou a vida sem

---

<sup>7</sup> BOSI, 1994, p.443

<sup>8</sup> BOSI, 2003, p. 175

<sup>9</sup> ZONABEND, 1991, p. 180

<sup>10</sup> ALVES, 1992, p.79

nunca ter deixado sua terra, portador de suas histórias e tradições; o segundo como aquele que viajou e tem muito a dizer a seu povo.<sup>11</sup>

A algazarra com que foi recebido seu irmão Nelo vinte anos atrás não se repete com sua chegada “vai ver o ir e vir se tornou tão banal que já não impressiona a pessoa alguma. São Paulo virou um caminho de roça. O mundo ficou pequeno. Viajar não é mais uma aventura emocionante<sup>12</sup>”. Sua viagem de volta às raízes é de apenas vinte e quatro horas, mas nesse ínterim a memória é capaz de percorrer grandes distâncias, reavivar histórias adormecidas e personagens que há muito partiu.

No terceiro e último romance, *Pelo fundo da agulha*, Totonhim encontra-se em São Paulo, dez anos depois da visita ao pai e faz um balanço de sua vida como homem aposentado, separado da mulher, longe dos filhos e da família no sertão. Agora mais do que nunca se sente um estrangeiro, já não cabe na metrópole como força de trabalho, já não pode voltar ao Junco para reencontrar fantasmas, só a memória lhe resta, “o recanto da memória. Da sua memória. Se Deus ainda existe, que evitasse a perda do único patrimônio que verdadeiramente lhe importava. Pois agora sua vida seria só isso: memória<sup>13</sup>”. Essa seria a função social de Totonhim a partir de agora: lembrar, reviver pelo discurso da memória, como Pedro Nava, o médico escritor cujas memórias traçam um panorama da história do Brasil:

Entrava, porém a falar da vida encurtada na velhice, da nostalgia da plenitude vital, que seria preciso reviver pelo discurso da memória, sugerindo um certo desespero da finitude e uma necessidade premente de combater a morte a todo custo, encontrando razões novas para prosseguir vivendo e não acabar como velho suicida. Fala premonitória que Nava às vezes repetia, marcando ao mesmo tempo o espaço dramático de suas reminiscências como palco do discurso da vida contra a morte.<sup>14</sup>

As memórias do protagonista se constroem na intersecção das memórias daqueles com quem viveu, pois, como defende Halbwachs, a memória do indivíduo tem estreita relação com os grupos nos quais está inserido: a família, a escola, o trabalho, que sustentam suas

---

<sup>11</sup> BENJAMIN, 1985, p.198

<sup>12</sup> TORRES, 1997, p. 69

<sup>13</sup> Ibidem, 2006, p. 47

<sup>14</sup> ARRIGUCCI JÚNIOR, 1989, p. 68

lembranças e o auxiliam na reconstrução do passado. Para ele, como para Ecléa, a memória é trabalho, é reconstruir o que se foi a partir do que se é, porque as memórias que guardamos não são imagens exatas do acontecido, mas aquelas que nossa consciência atual nos apresenta.

A ideia de memória coletiva de Halbwachs nos guia no exame das memórias de Totonhim, que em suas narrativas retoma memórias de diferentes grupos aos quais pertence ou pertenceu. Os grupos servem de apoio às lembranças, como se a experiência revivesse pela fala de outras pessoas; além disso, o sujeito se desloca de um grupo para outro ao sabor das memórias, Totonhim, ora é Antão Filho, menino do Junco, ora é o funcionário público da metrópole, sua identidade é posta de acordo com o ponto de vista do grupo, de um pensamento coletivo que o ajuda a percorrer o tempo passado.

Não basta reconstituir cada pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.<sup>15</sup>

No terceiro volume da trilogia, Totonhim, já idoso, vê-se no papel de homem de memória, cuja função social é lembrar. Como marca Ecléa, nas lembranças dos velhos é possível “verificar uma história social bem desenvolvida, eles já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, eles já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis<sup>16</sup>”.

Dentre esses quadros nos interessa sobremaneira as memórias familiares das quais Totonhim vai se tornar um guardião. A fim de compreender como essas memórias o alicerçam e paradoxalmente o atormentam, no valemos do estudo de Françoise Zonabend para quem o trabalho de rememoração das histórias familiares é “um trabalho de luto, é a morte dos antepassados que se relembra. Esta operação consiste também em tomar o passado como algo volvido e separado da memória coletiva<sup>17</sup>”. A memória familiar que ocupa a narrativa de Totonhim constitui a tessitura de seu tempo e de sua família, inserindo-o num lugar

---

<sup>15</sup> HALBWACHS, 2006, p. 39

<sup>16</sup> BOSI, 1994, p.60

<sup>17</sup> ZONABEND, 1991, p. 182



determinado pela genealogia. As memórias familiares se constroem dentro de um grupo social que se mantém coeso por sua partilha de lembranças, um conjunto de recordações que sustentam sua existência: fotos, papéis, objetos, lugares.

Os romances narram três diferentes momentos da vida de Totonhim, a passagem do sertão provinciano ao pós-moderno, assim como retratam o impacto da cidade no migrante nordestino do começo do século passado. A transformação pela qual passou a pequena Junco, que no passado não constava no mapa do Brasil, “Um lugarejo de sopapo, caibro, telha e cal<sup>18</sup>”, mas que surpreende Totonhim vinte anos depois com ruas asfaltadas e antenas parabólicas, “dirão todos que o lugar finalmente atravessou o túnel do tempo e chegou ao futuro<sup>19</sup>”; transfigurada como as paisagens sertanejas pelas intempéries ou como seu filho pela diáspora que o levou ao exílio.

Podemos identificar na trajetória de Totonhim não apenas a passagem de um sujeito ativo a um sujeito contemplativo (*vita ativa e vita contemplativa*)<sup>20</sup>, mas também as transformações pelas quais passou o país. Acreditamos que Totonhim, de maneira ficcional, seja testemunho da modernização do Brasil, afinal a literatura está imbricada de memória política e identidade de nossa história recente.

Assim como acontece a Totonhim, o Junco se transforma e não será o mesmo que seu filho encontrará vinte anos depois de sua partida. É para São Paulo que vai Totonhim após a morte do irmão, tentando livrar-se do absurdo, do pai que se tornara um bêbado, da mãe que enlouquecera depois do suicídio do filho. Libertando-se do atraso que despreza no Junco, Antão Filho busca a ilusão da cidade grande.

Desta forma, não são apenas as pessoas os protagonistas das memórias de Totonhim, a nosso ver os lugares integram sua narrativa e a elas acrescentam significação. A começar pelo Junco, seu sertão arcaico que encontra a decadência com a chegada do “progresso” representado pelo banco e a manobra que levou os agricultores a plantarem o sisal que os levou à falência e, por conseguinte ao êxodo, transformando-os em migrantes.

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o

---

<sup>18</sup> TORRES, 1998, p. 14

<sup>19</sup> TORRES, 1997, p. 46

<sup>20</sup> BOSI, 1994

entoado nativo de falar, de viver, de louvar o seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada “código restrito” pelos linguistas; seu jeito de viver, “carência cultural”; sua religião, credice ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento<sup>21</sup>.

Os lugares de memória, ou como classifica Aleida Assmann, “espaços da recordação”, são produtores de memórias, objeto também da poética do espaço de Gaston Bachelard, por ele batizada de toponálise, “o estudo dos lugares físicos de nossa vida íntima<sup>22</sup>”. Os espaços onde conviveram Totonhim e sua família preenchem suas narrativas de afetividade e saudosismo. O Junco, a casa de seus pais que foi destruída, a casa do avô onde Nelo cometeu suicídio; espaços que testemunharam dias de extrema felicidade, mas que são também receptáculos de lembranças dolorosas.

A velha casa está onde sempre esteve: próxima à igreja, bem perto de Deus. Assim deveria pensar meu avô, e o pai dele, e o pai do pai dele, e só resta saber se todos foram para o céu. Casa velha, por estar bastante castigada, descascada, desbotada, como se estivesse cheia de estrias, rugas, tristeza e cansaço. Esta sala, de tantos domingos engomados, cheirando a sabonete e roupa lavada, guarda uma lembrança triste. Uma história trágica. Mas ainda não tive coragem de olhar para o canto onde tudo aconteceu.<sup>23</sup>

A antiga casa da família, da qual só resta um caco de telha, também será gatilho para muitas das lembranças narradas pelo protagonista, dos dias felizes de nascimento, batizado, festas, e de cenas infelizes como a falência dos pais, as brigas com a mãe. Sua vida no Junco estará sempre relacionada à casa natal.

É necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro

---

<sup>21</sup> BOSI, 2003, p. 176

<sup>22</sup> BACHELARD, 1978, p. 202

<sup>23</sup> TORRES, 1997, p. 26

dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes, se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano<sup>24</sup>.

Para além da casa encontramos o Junco e São Paulo, os lugares que mais atribuem significado às lembranças de Totonhim, pois “não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar<sup>25</sup>”. São espaços de recordação, mas também locais de luta política, onde a sensação de desenraizamento ganha profundidade. Por isso a importância de recuperarmos esses lugares, não para conservá-los, mas para compreendermos o presente.

Estes espaços carregam marcas culturais que passam de geração a geração e compõem aquilo que Aleida e Jan Assmann classificam como memória cultural. A partir das bases da memória social estabelecidas por Halbwachs, os teóricos alemães desenvolveram a ideia de memória cultural. Para os Assmann, a memória coletiva estaria dividida em duas categorias: a memória comunicativa e a memória cultural. Tendo em vista que a cultura é a memória não hereditária, eles defendem que sua transmissão se dá no interior dos grupos através de ritos, celebrações, imagens, monumentos, impulsionam a memória e são também uma espécie de equipamento do qual se valem as novas gerações. Não se trata apenas de transferência de conhecimento, mas de identidade. “O passado recordado não é para ser confundido com o conhecimento geral desinteressado do passado que denominamos “história”. Ele sempre está relacionado com os projetos identitários, com as interpretações do presente<sup>26</sup>”.

A memória comunicativa seria aquela da qual trata Halbwachs, que se produz na interação cotidiana entre os indivíduos e se mantém coesa enquanto existir o grupo, o que limita seu horizonte de duração a três ou quatro gerações. A memória cultural, no entanto, é composta pela tradição, por transferências e transmissões de costumes, muitas vezes com o suporte de instituições que a mantêm e propagam.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> BACHELARD, 1978, p. 201

<sup>25</sup> HALBWACHES, 2006, p. 171

<sup>26</sup> ASSMANN, 2011, p. 91

<sup>27</sup> ASSMANN, 2008, p.111 (tradução nossa)

Desta forma, nossas memórias são forjadas nas relações interpessoais, como propõe Halbwachs, mas também nos objetos e símbolos que nos rodeiam, responsáveis por carregar as memórias neles investidos. É a nossa luta contra o efeito nocivo do tempo, reter o passado para o futuro. Ao contrário da memória comunicativa, a memória cultural tem um horizonte de extensão que pode durar milênios, através dos quais as gerações mantêm contato com toda uma gama de características que lhes dão a sensação de pertencimento. Essa capacidade reconstrutiva do passado pode ocorrer através de arquivos, textos, imagens, regras de conduta ou mesmo através da contextualização de significados passados para o tempo presente.

É nesse ponto que a memória cultural pode ser desligada da ideia de conhecimento puro do passado, visto que para buscar aquilo que os torna semelhantes ela precisa esquecer as diferenças. O esquecimento assim, pode ser um aliado da memória agindo tanto no desenraizamento do sujeito como em sua vinculação aos grupos através da seleção de memórias que lhe conferem identidade. O esquecimento é temido como perda de identidade e pertencimento, mas é necessário para que possamos seguir em frente sem amarras com o passado, sem culpas ou rancores, afinal “perdoar e esquecer estão juntos, são duas faces de uma mesma coisa<sup>28</sup>”. A memória cultural que perpassa a narrativa de Totonhim é repleta de celebrações e ritos guiados pelas escrituras sagradas, bem como pelos monumentos nacionais que o acompanham no tecer da memória, “será que esse menino, no dia 7 de setembro, o Dia da Pátria, põe uma fitinha verde e amarela no peito e solta o verbo, diante da Bandeira Nacional: Estandarte que a luz do sol encerra as divinas promessas da esperança?”<sup>29</sup>

Portanto, reconhecer o papel da memória cultural na trajetória de Totonhim nos dá a oportunidade de abarcar a esfera cultural na qual o indivíduo está inserido e da qual não pode escapar ileso de influência, é por ela que ele se transforma em membro da sociedade, num resgate daquilo que o assemelha aos demais.

### **Considerações finais**

Seguindo o percurso das memórias de Totonhim compreendemos o seu processo de desenraizamento e o papel da memória como refúgio, como a soma do que sobraram de suas

---

<sup>28</sup> WEINRICH, 2001, p. 233

<sup>29</sup> TORRES, 1997, p. 45

raízes, o germe de sua identidade, aquilo que o fundamenta e dá sentido à sua existência. As memórias familiar, espacial e cultural atravessam sua narrativa constituindo-o como sujeito.

Consideramos ainda que compreender a trajetória do protagonista da trilogia seja pertinente na medida em que buscamos compreender o sujeito contemporâneo, numa época em que o desenraizamento ocorre em escala global. Ademais, defendemos que a memória deve ser preservada e difundida não apenas quando relata tragédias, atos gloriosos ou acontecimentos das classes dominantes, mas também quando retrata o homem comum, aquele cujas memórias compõem a memória maior que constrói a sociedade e mantém os grupos coesos.

Além do mais, acreditamos que é necessário ouvir as vozes da periferia, das personagens que não estão inseridas nas classes que detém o poder, afinal “as chaves do futuro e da utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos<sup>30</sup>”. Igualmente, julgamos pertinente compreender como a ficção retrata o processo de modernização do país através das memórias de uma pessoa comum, pois a arte é capaz de enxergar os fatos com maior profundidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Rubem. *O Retorno e Terno*. Campinas: Papyrus, 1992.

ARRIGUCCI JÚNIOR, David. Móbile da memória. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. In: *New German Critique*, No. 65, Cultural History/Cultural Studies. (Spring - Summer, 1995), pp. 125-133.

\_\_\_\_\_. Communicative and Cultural Memory. In: Astrid Erll, Ansgar Nünning (Hg.). *Cultural Memory Studies. An International and Interdisciplinary Handbook*, Berlin, New York 2008, S. 109 -118.

---

<sup>30</sup> BOSI, 2003, p.208

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*: São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- TORRES, Antônio. *Essa Terra*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Cachorro e o Lobo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WEILL, Simone. *A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- WEINRICH, Harald. *Lete: Arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- ZONABEND, Françoise. *A memória familiar: Do individual ao coletivo*. In: Sociologia – problemas e práticas, nº 09, 1991, p. 179-190.